S. PAULO (BRASIL) — Sab... de dezembro de 1914 — ANNO XIV — N. 269

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a differença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

Excursão pela Sorocabana e Ituana, Noroeste e pelo Paraná

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha embarcou no dia 1 do corrente para percorrer as localidades servidas pelas estradas Sorocabana e Ituana, Noroeste e o Estado do Paraná.

São as seguintes as localidades que deverão ser visitadas em primeiro lugar:

Tatuhy, Itapetininga, Faxina e Itararé, na linha Sorocabana, entrando a seguir no Paraná.

Na fórma do costume, e hoje com muito mais razão, somos forçados a dirigir um apelo aos assinantes da Lanterna *residentes nas localidades a serem visitadas para que correspondam aos esforços do nosso companheiro.*

Sabemos perfeitamente que o momento é de dificuldades gerais, mas, salvo os casos de impossibilidade forçada, com um pouco de esforço todos poderão contribuir com a importancia de sua assinatura, que, afinal, não chega ao preço de uma missa de segunda ordem...

Na ultima viagem feita, não poucas pessoas aconselharam o nosso companheiro a que adiasse a cobrança para outra ocasião, esquecendo se do que aqui já temos dito um centenar de vezes e que ninguem desconhece, isto é, que a Lanterna *vive* exclusivamente *da contribuição dos seus assinantes. Não conta, ela felizmente e honrosamente, com as subvenções de quem necessita da complacencia da imprensa, não tem a renda de anuncios e não recebe auxilio de agremiação alguma. Unicamente das assinaturas vive ela. Com dificuldades incontaveis, mas assim é — e oxalá assim possa continuar a ser. Julgamos ter deixado bem esclarecida a situação. Os amigos do jornal das zonas mencionadas que procedam agora como é preciso.*

AMANHÃ

Continua impertubavelmente a dominar a Velha Europa o vendaval da destruição. Os homens, obcecados pelos preconceitos e prejuizos acumulados pela lenda dos tempos remotos da religião, embriagados pelos manifestos inflamados do patriotismo idiota dos sanguinarios abortos da natureza sedentos de gloria, arremessaram para longe os ridiculos simbolos da civilização burgueza e mostraram-se tal qual são — miseraveis brutos imbuidos de erros dos seculos malditos.

Só hoje póde sair á luz esta terrivel verdade; a decantada civilização do Velho Mundo era uma quiméra.

Os homens de ideias elevadas, contudo, já previam o sangrento fim das ridiculas instituições e dos velhos prejuizos da burguezia e de outras classes que, por vergonha do pensamento humano, calcavam aos pés os sagrados direitos da justiça e da igualdade humana.

No entanto, quem paga o erro da amadornada burguezia e do militarismo absorvente é o proletario, conservado acintosamente ignorante e como tal incapaz de compreender que é vitima dos erros da incapacidade da bestializada classe dos argentarios. E' ele que acumula o ouro para aqueles que conservam como reliquia os factores da sua impotencia e da sua destruição. E' ele que, chamado mais tarde pelos seus exploradores, vai servir de pasto á Hecatombe.

E' esta, infelizmente, a expressão dos factos que se observam na Velha Europa.

Comprovada como está, pois, a prejudicialidade das velhas e absurdas instituições que dominam toda a Europa e quiçá todo o mundo, desejamos para elas as tetricas palavras do festim de Baltazar.

Esperemos que a realidade assombrosa da guerra actual seja o novo marco de novas e sans instituições. Oxalá seja a sangrenta luta o sinal do preludio das liberdades sonhadas pelos cerebros daqueles que compreendem o verdadeiro destino da humanidade.

Não ousamos crêr que, passado este periodo de insania, a humanidade caia no estacionamento da Idade Media, porquanto já se libertou em parte da religião e, compreendendo os seus erros, libertar-se-há em breve do militarismo e da burguezia. Desejamos para uma época não remota uma Terra livre de Deus e livre de degenerados feitos aparentemente homens.

O ser humano, verdadeiramente humano, dirigido por ideias elevadas, compreendendo o verdadeiro sentido da justiça, dominado pela razão, elevará hinos de gloria aos seus bemfeitores e anatematizará Napoleão, Alexandre e inumeros outros sanguinarios hoje glorificados porque se banharam no sangue de milhões de compatriotas inocentes.

As classes improdutivas verão, medrosas, chegar o seu fim, pois não teem direito á vida aqueles que vêm o suplicio no trabalho.

A sociedade de então não terá como espantalho a religião, que explora a ignorancia dos espiritos fracos e o medo dos covardes. Digna e regenerada não será mais uma sentina de depravação e luxuria sob o manto da moral austéra, mas um fanal de costumes sãos.

Neste momento de desespero da velha Europa, a Igreja, hoje desorganizada e faminta, procura nos campos de batalha, como a hiena ao cair da noite, o poder que perdeu. A miseravel espera voltar á vida explorando com oportunidade a insania dos homens tornados bestas-féras que se exterminam por um ideial desconhecido ou por uma causa asquerosa. O seu resurgimento será, porêm, breve, será aquele fatal momento de vida na agonia de um corpo imprestavel. Ela não resurgirá, o seu momento fatal aproxima-se.

Quando ela morrer Deus terá passado para o dominio da historia lendaria da humanidade; a sua ferocidade extranha não mais levará o terror ao cerebro dos homens, pois, por estes será despenhado no abismo do esquecimento. Ele passou pela humanidade como o genio da destruição — o que não conseguiu aniquilar, abalou. Quando dominado por ele o homem permaneceu no marasmo das coisas mortas.

O papa, simbolo magno dos seculos de superstição, exploração e fanatismo, verá com assombro a multidão, sciente de seus direitos abater a entrada do Vaticano e de lá extrair tudo aquilo que com singular cinismo foi-lhe arrebatado nos milenios passados de injustiça. Como a humanidade de então será sã e como só é são quem trabalha, tanto ele como as suas legiões de asseclas hão de sentir tambem o peso duma enchada hão de trabalhar!

Os templos servirão para gloriosos fins e não conterão mais no seu interior os simbolos da ignorancia e da imbecilidade humana. Cada templo, tornado escola, será um farol onde a mocidade, não mais aterrorizada pela vingança baixa de um Deus sanguinario, se banhará na luz da Verdade.

O homem só será verdadeiramente digno e são quando tiver por Deus — a Sciencia, por culto-o Trabalho e por templo — a Escola.

Esperemos, pois, que o estado anormal em que estamos seja o sinal do preludio do dominio da Realidade e do amor aos ideais elevados.

Urucá.



O DESARMAMENTO GERAL

LISBOA, 8 DE NOVEMBRO.

Toma incremento, na Inglaterra, o movimento em favor do desarmamento geral, a impor-se como cláusula na conclusão da paz. A êle se associam francamente ministros e oficiais do exército, incluindo alguns do quartel general de French.

Devemos confiar na sinceridade e na praticabilidade dêsse esfôrço?

O argumento mais sólido e positivo dos que nutrem esperança na vitória dêsse movimento de opinião sancionado por um govêrno funda-se no supremo interesse da insular Grã-Bretanha em destruir ou anular o militarismo no continente europeu.

Graças às suas especiais condições geográficas e históricas, a Inglaterra nunca necessitou nem conseguiu instalar em casa um poderoso exército permanente; nem parece que possa agora mudar de caminho, apesar da outra corrente de opinião que, aproveitando as circunstâncias actuais, procura convencer o país das vantagens e necessidade do serviço militar obrigatório.

Demais, se possuísse êsse grande exército, não o poderia manejar fácilmente como arma ofensiva contra uma potência continental. Sempre que o Estado britânico precisou de aniquilar a ameaça dum imperialismo continental, o poder dum concorrente perigoso, teve que se socorrer dum aliado, servindo-se dos seus soldados ou dos seus portos de desembarque.

Compreende-se, pois, o empenho pôsto pela Inglaterra em reclamar o desarmamento geral: é um tanto a história daquela raposa que, desprovida de cauda, pretendia induzir as suas congéneres a cortarem o respectivo apêndice.

A empresa, porêm, não parece das mais fáceis, ainda mesmo que à Inglaterra se juntassem os seus dois aliados. Muito provávelmente, fracassaria a imposição, como fracassou a que Napoleão fez à Prússia.

Sinceramente ou com velhacaria, o que os estadistas e militares ingleses procuram é doirar o horror naturalmente inspirado pelas carnificinas internacionais e entusiasmar pela luta um povo que não conhece a servidão militar forçada. Se a horrivel conflagração puder ser apresentada como a derradeira, se lhe for dado como alvo sublime o desarmamento geral, se desaparecer sob tam luminosas aparências a mesquinha e feroz luta de interesses capitalistas e estatais, os combatentes surgirão numerosos e ardentes e o povo suportará com santa resignação a dolorosíssima prova.

Poderá, pois, o proletariado esperar o desarmamento?

Em regime capitalista e estatal, êsse desarmamento, se não é um vão devaneio pronto e acabado, toca as raias da utopia. Demasiados são os interesses que, na actual sociedade, se prendem férreamente à guerra e à paz armada: a finança, a grossa indústria metalúrgica, o comércio grande e pequeno dos fornecedores de tropas e marinhas, o militarismo profissional, etc., tudo isso pesará formidávelmente na balança. E como, em sistema capitalista — de patronato e salariato, ninguêm trata de produzir utilidades, mas apenas de ganhar seja como for alguns vintêns para subsistir, o próprio proletariado se acha interessado nas indústrias de paz armada. Se êle não temesse a desocupação, temê-la-iam os govêrnos, pelas perturbações e revoltas que causaria. Nem, sob o ponto de vista social revolucionário, o lucro seria total, pois que os Estados, em vez dos grandes exércitos de soldados à fôrça, reforçariam, para o serviço de coacção interna, as suas guardas e gendermarias de homens escolhidos e predispostos.

O militarismo e o imperialismo são frutos do vigente sistema de produção, e a revolução que pretenda suprimi-los tem de suprimir o regime burguês e os Estados.

O que não impede de registar as promessas dos governantes e de combater, com todos os males do Capitalismo, o avanço do militarismo e do espírito militar.

Neno Vasco

"A LANTERNA"

Infelizmente, ainda neste numero somos forçados a repetir a mesma desagradavel noticia, já por duas vezes publicada, comunicando aos nossos leitores o que eles sabem: a Lanterna *ainda na semana passada não poude sair.*

Aos motivos já conhecidos — a falta e o exorbitante custo do papel — devemos tambem juntar, além da morosidade embaraçadora agora verificada nos pagamentos das assinaturas, a dificuldade na impressão da folha, pois fechou-se a tipografia onde até agora a faziamos.

Entretanto, com a promessa de reencetarmos dentro em pouco a publicação regular da folha, damos aos nossos amigos a primeira noticia de um plano de ampliação da nossa obra, que de ha algum tempo vimos concebendo, e para cuja execução serão aproveitados os elementos da actual empreza da Lanterna *e da iniciativa da publicação da sua edição diaria, adiada pelas enormes dificuldades do momento, e os de muitos outros companheiros de propaganda que, certamente, se disporão com entusiasmo a trabalhar para melhor proveito do esforço tornado comum.*

OS CORVOS CLERICAIS

Os corvos clericais continuam em França a aproveitar a triste guerra para reconquistar o terreno perdido — á sombra da famosa «reconciliação nacional».

Nos hospitais da Cruz Vermelha, as «Damas de França» distribuem a todos os feridos cruzes, veneras, escapularios, rosarios e outros feitiços, que servirão quando muito, como diz *La Bataille Syndicaliste*, para entreter antropoides reunidos á sombra dum coqueiro. Até os dão aos argelinos e aos pretos senegaleses, que se enfeitam regaladamente com esses berloques; um jornalista viu um deles com um punhado de bentas medalhas, suspensas do botão... das calças!

E' claro que não é concedida a mesma liberdade de propaganda ás outras religiões e aos livres pensadores, e a imprensa clerical faria grande algazarra se, por exemplo, fossem distribuidos folhetos anti-religiosos.

Mas ha pior. Em alguns hospitais, como o do Liceu, em Marselha, era imposta aos feridos a obrigação de ouvir missa e as frequentes rezas, escutadas de joelhos. O mesmo no hospital de Avinhão e em outros. Exercia-se pressão sobre todos, sob pena de represalias velhacas. Os que, embora validos, se livraram dos campos de batalha, graças á protecção clerical, arranjando a escapatoria dos serviços hospitalares, mostram uma grande actividade proselitica.

Em vista das reclamações e protestos, o governo proibiu as cerimonia cultuais nos hospitais; mas os clericais não desanimaram por isso. Eis o que um soldado escreve de Mans a *La Bataille Syndicaliste*:

«... Eu julgava que era para defender as nossas liberdades que expunhamos a pele ás balas. Vejo que é um logro. Após a ultima circular que suprimia as medalhas e as missas nos hospitais, pensava eu que ficariamos livres de todos esses vexames.

Nos primeiros dias da minha estada no hospital temporario n.º 30 (em fins de setembro), fizeram-nos uma ampla distribuição de medalhas. Ao domingo, era preciso ir a missa. No refeitorio, pediam-nos que fizessemos o nosso dever de bom cristão, isto é, que nos confessassemos e comungassemos. Tudo isso foi suprimido, de acordo.

Mas prossegue cada vez mais activamente a aliciação para mandar feridos á missa da igreja mais proxima.

Aos sabados, a irmã (pois nós temos como enfermeiros padres e irmãs da caridade) passa com uma lista, perguntando a todos os que podem andar se vão á missa. Muitos respondem que sim, ao menos para darem um passeio pela cidade. Mas na manhã seguinte a irmã retêm os seus doentes para que saiam todos juntos, debaixo de forma, afim de evitar que lhe fuja algum.

Escusado será — não é? — perguntar a sorte reservada a quem não andar a contento da irmã de caridade.»

Os padres e madres tratam de aproveitar bem o doloroso momento para reconquistar as almas e com elas os corpos e as bolsas, a influencia, o poder e a riqueza.

Veremos, porêm, se os elementos avançados os perturbarão ou não nas suas jesuiticas e nos seus ambiciosos projectos.

No governo, apesar das circulares recomendando neutralidade, é que os livres pensadores não podem confiar. Nem nas autoridades militares e naquela cantiga da «reconciliação nacional»... em favor dos padres.

Mais uma fornada de "cavadores" da Igreja

Provavelmente os chefes dessa grande empresa internacional de exploração dos pobres de espirito ainda acha pequeno o numero dos seus caixeiros-viajantes, pois acaba de deitar cá para fóra mais uma fornada deles:

«ROMA, 29. — Na capela do Colegio Pio Latino-Americano, o cardeal Pompili ordenou, hoje, sessenta padres, entre os quais se acham os brasileiros Celso de Rezende, Oliveira Vasconcelos, Caruso, Costa Rego, Camargo Soares, Loschi, Maura e Rigatti; os argentinos Martinez, Isoldi, Guillaud e Molas; os chilenos Ramivaz, Escudero.»

Tratemos de nos abotoar, de nos abotoar seguramente, que um novo perigo ameaça a integridade dos nossos bolsos.

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á rua do Areal, 38, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

O DEUS NACIONAL

O kaiser não cessa um momento de invocar o seu deus guerreiro e de lhe atribuir as façanhas do «seu» exercito. Quando Antuérpia foi ocupada, não se esqueceu do estribilho favorito. «Deus seja louvado por este esplendido triunfo», telegrafou ele á grã-duquesa Luiza de Baden. E por todos os cantos se vê o santo nome do Senhor... Por toda a Alemanha foi afixado um cartaz representando uma granada de 420 em tamanho natural, com esta legenda: «Com Deus pelo Rei e pela Patria». A famosa granada vai com Deus cumprir a sua missão de destruição e de morte.

A este proposito, o *Corriere della Sera* faz as seguintes justas observações:

«O kaiser imagina o Deus de S. Francisco de Assis como um desses deuses da mitologia grega que desciam aos campos de batalha para proteger o ardiloso Ulisses.

Pior ainda: Aquela alma medieval de soberano revela uma concepção judaica da divindade. O Deus de Guilherme (com isso hão de folgar os banqueiros de Berlim) é exactamente o Deus de Israel, o Jeová do povo eleito, o Deus que não sai das fronteiras do reino de Salomão.

Guilherme II é tudo quanto se pode conceber de mais puro estilo «Antigo Testamento».»

FRANCISCO FERRER

E A SUA OBRA

(Discurso lido na comemoração de 13 de outubro)

III

Certos todos os elementos retrogrados de que Ferrer mais facilmente quebraria de que torceria, e convencidos de que ele era um elemento de valor que com o tempo lhes prejudicaria as tendas, resolveram perde-lo. Já quando foi do caso Morral tentaram envolve-lo, implica-lo no caso só porque Morral era secretario da Escola Moderna. Conservaram-no preso quasi um ano e foi arrancado das enxovias catolicas da Espanha devido á agitação internacional feita em seu favor. Mas as hienas e as panteras vendo que a presa se lhe escapou desta vez, não desanimaram, certas de que atraz de tempo, tempo vem, e trataram de ir afiando as garras e preparando os dentes. Surgiu a semana sangrenta e Ferrer foi a vitima, não a unica, mas a mais conhecida e talvez a mais precisa ao progresso do povo. Ferrer estava condenado para maior gloria de Deus e se não fosse daquela vez iria noutra, pois que a seita negra não perdoa aos espiritos livres a independencia do seu espirito e do seu caracter.

Porque, senhores, convem frisar o seguinte: nesta sociedade em que vivemos, quem pretender levar uma vida coerente, isto é, praticar precisamente o que préga, executar aquilo mesmo que pensa, esse alguem pode contar inevitavelmente com os odios e os rancores de todos aqueles que teem interesse em manter esta sociedade que outra coisa não produz senão aleijões morais, mantendo uma educação tendente a fazer dos individuos manequins que defendam a patria e se deixem matar pela defesa duns direitos que nunca possuiram, se precipitem apocaliticamente sobre os individuos doutras patrias e se despedacem

mutuamente para gaudio dos grandes banqueiros e dos acionistas dos estaleiros navais e grandes fabricas de espingardas e canhões.

E se não tivessemos toda a historia e edificar-nos desta verdade, a guerra que se fere actualmente alêm oceano, essa conflagração europeia que neste momento ceifa dezenas e centenas de milhares de vidas dos nossos irmãos europeus, é suficientemente gritante e pavorosa para ninguem duvidar das afirmações feitas.

E para prova de que a instrução dada pelos diversos sistemas de governos é com o fito unico de os manterem de pé, pois é uma lei que todos os organismos quaisquer são dominados pela lei da conservação e revolucionarios na vespera, tornam-se conservadores e mesmo até reacionarios no dia seguinte, aí temos o exemplo da Alemanha. Os amigos daquela nação ensurdecem-nos os ouvidos gritando-nos que é o modelo das nações, pois o analfabetismo na Alemanha existe numa proporção insignificantissima, poder-se-ia dizer até: parecer um fenomeno encontrar-se um pessoa que não saiba ler.

Mas soceguem: essa afirmação não nos reduz ao mutismo. O que é que prova uma afirmação dessas? Unica e simplesmente que o saber ler não é o suficiente para os individuos se saberem conduzir e que a pessoa armada do utensilio da leitura tanto o pode empregar no bem como no mal.

Para que serviu toda a instrução na Alemanha? Para desenvolver, apeifeiçoar, progredir e multiplicar os armamentos, os petrechos belicos, desenvolver o espirito da desciplina, militarizar por assim dizer a vida social, preparar e provocar a morte. E porque? Porque os dirigentes alemães tiveram o cuidado de, desde a escola, incutir, cultivar e manter a admiração pela guerra, a aversão pelo estrangeiro, enfim preparando a mentalidade das massas para um dia as desencadear contra o mundo como estamos vendo. E isto para mim convence me de que é preferivel encontrar-me em frente dum homem analfabeto mas bem intencionado, de ideias pacificas do que diante dum sabio com ideias belicosas. Porque o saber ao serviço das más causas é duplamente prejudicial.

Pois bem, concluamos, era isto que Ferrer não queria. Ele queria a par da leitura, o raciocinio, a observação, o espito critico, a experimentação. Queria individuos que não se submetessem a uma disciplina de ferro, de olhos fechados, sem conhecimento de causa.

Mas ouçamos Ferrer que as suas palavras são concludentes: «Se a classe trabalhadora se livrasse do prejuiso religioso e conservasse o da propriedade tal como hoje existe: se os operarios acreditassem certa a profecia que afirma que sempre haverá pobres e ricos; se o ensino racionalista se limitasse a difundir conhecimentos higienicos e scientificos e preparasse só bons aprendizes, bons caixeiros, bons empregados e bons trabalhadores de todos os oficios, poderiamos muito bem viver entre ateus mais ou menos sãos e robustos, segundo o escasso alimento que costumam permitir os minguados salarios, mas não deixariamos de continuar a ser escravos do capital.»

Querem a cousa mais clara?

Ferrer queria fazer, e fez enquanto viveu, obra essencialmente racional e libertadora, visando a saude do corpo e a elevação do espirito.

Mas como estava em oposição a todas as ideias correntes, seus inimigos não lhe perdoaram o gesto, acostumados a verem os individuos, mal se pilham com algum dinheiro, a esquecerem-se da sua humilde situação da vespera e procurar galgar as culminancias do poder fazendo-se deputados e prodigalizando nos bordeis de alto bordo a fortuna, satisfazendo-se com serem adulados pelos parvos e pelos tolos.

Ferrer não foi destes e por isso o mataram. Mas ele vive nos seus principios, com os seus proselitos e se queremos vingar a sua morte, se queremos venerar e honrar a sua memoria, estudemos a sua obra, adotemos os seus metodos, propaguemos as suas teorias, dedicando-nos de alma e coração ao desenvolvimento da Escola Racional.

Adelino de Pinho.

UMA FALENCIA

Não se imagina quanto, nos tempos de guerra que vão correndo, essa gente se tem ocupado desse diacho do deus do céu! Cada declaração de guerra, alemã, austriaca, russa, inglesa, invocou o seu deus, o deus dos exercitos, afim de santificar de antemão o assassinato do proximo. Padres franceses e pastores tudescos rezam generosamente para que os ferimentos e a morte atinjam o campo inimigo. E é de carabina em punho que se incitam os homens á peleja, berrando: "Amai-vos uns aos outros!"

Nunca a humanidade assistiu a tamanha falencia! Após vinte seculos de cristianismo, nota-se que não ha *um* deus unico, que os cristãos não são de modo algum monoteistas, que não ha entre eles unidade moral alguma, mas que possuem tantos deuses quantos são os odios de raça e os odios de campanario. Ora é precisamente este o momento escolhido para trabalhar numa recrudescencia religiosa. Os cristãos são na verdade gente descarada; teem uma falta de pudor pavorosa. Quando deviam humildemente fazer acto de contrição, confessando quanto mentem á sua fé, quão ridiculamente verbosa é a sua filosofia, mostram arrojo, multiplicam as preces publicas, exaltam a sua crença, levantam olhos ao céu e... fazem colectas para as suas igrejas.

E' impossivel presenciar espectaculo mais hipocrita e portanto mais ascoroso. E se o povo tivesse uma sombra de espirito critico, estaria para sempre liquidada essa religião que diz ao mesmo tempo: "Não matarás" (Deut., V) e "Sêde submissos a qualquer autoridade humana, por amor do Senhor, quer seja a do rei, quer a dos magistrados, dela investidos para punir os maus" (I Pedro, II, 13 e 14).

O cristianismo proibiu aos seus adeptos as violencias contra o proximo. Pois é esse mesmo cristianismo que os adventistas e os sectarios acabam de invocar, por meio do versiculo de Pedro, para justificar a sua marcha para a matança. Mais uma vez: atroz hipocrisia!

Não ha duvida: os que nos veem declarar que a religião é a salvaguarda da moral ou teem bom estomago ou possuem uma dose imensa de estupidez. Mau dilema, sob todos os aspectos.

João Wintsch.

Pequenos écos

Nascimento — O nosso bom companheiro Hermenegildo Dertonio, residente em Itauna, comunica-nos ter a sua familia aumentada de mais um pequerrucho, nascido em 15 do mez findo e ao qual foi dado o nome glorioso de Giordano Bruno.

São nossos ardentes votos que o pequeno Bruno, seguindo o exemplo do grande martir de quem tem o nome, atravesse a vida, em companhia do seu irmãozinho Ferrer, a prégar e a praticar os grandes principios de regeneração da humanidade.

⁂

«L'Homme et la Terre» — Um companheiro que necessita urgentemente de certa quantia, oferece esta preciosa obra, em francez, de Elisée Reclus — 6 volumes, magnificamente ilustrados e encadernados, cujo valor é de 140$000 — pela importancia de 90$000.

Quem desejar adquiri-la dirija-se ao seguinte endereço: Raul Boucheron (ao cuidado de Guerino Pelois), rua Padre Vieira, 35-A, Campinas.

⁂

Centro Jahuense de Cultura Artistica — Com esta denominação, foi fundada e já se acha instalado em Jahú, neste Estado, um centro cujo fim alevantado está indicado no seu titulo.

Todas as prosperidades com fartos resultados em favor da cultura racional do povo — são os nossos augurios á nova e util agremiação de Jahú.

Escola Moderna de S. Paulo

Uma interessante festa campestre

Realiza-se no dia 13 do corrente, domingo, ás 9 horas, em aprasivel local situado na Penha, um interessante festival escolar, em que tomarão parte os professores e os alunos das duas escolas mantidas nesta capital pela Escola Moderna de S. Paulo.

Diferentemente das que se teem realizado nas sédes das escolas n.º 1 e n.º 2, a festa anunciada para o dia 13, decerto, terá um atrativo especial, um realce atraente, dadas ás favoraveis condições em que as crianças se vão achar no local destinado, que é um parque belo e espaçoso, cheio de sombras e de encantos, onde a natureza faz vibrar uma nota de saudavel alegria.

O obtenção do local, que é verdadeiramente belo, deve-se á gentileza do sr. Bento do Amaral, proprietario da Confeitaria Edú Chaves, que para a realização da festa da Escola Moderna ofereceu o parque situado naquele bairro, á rua Prudente de Morais, 24.

Para assistirem-na são convidados, desde já, os pais dos respectivos alunos e as pessoas interessadas pela causa da instrução e educação segundo o metodo racionalista, que poderão dirigir-se á Penha, de bonde, no dia e hora indicados, afim de toma em parte na festa, levando cada um seu lanche, porque a mesma constará, tambem, de piquenique, alêm da conferencia ao ar livre por um dos professores, cantos e recitativos pelos alunos.

VIDA DESPEDAÇADA...

Há de haver dois anos, encontrei a Joaninha ao pé da ponte, seguindo a estrada marginada de lodãos. Uma pequena viração refrescava a tarde. A' direita, no cimo do outeiro, o moinho agitava alegremente as asas.

— Boas tardes, Joaninha.

— Boas tardes...

A voz chorosa? Mirei-a de soslaio e vi-lhe com efeito os olhos umidos e vermelhos. Que magoa alancearia o coração moço desta rapariga? Temia ser indiscreto, e no entanto não pude abster-me de arriscar uma pergunta cheia de interesse:

— Está triste?

— Pudera!...

Pudera! Quedei-me silencioso e perturbado, não querendo força-la a confidencias; mas, animada talvez pela minha discrição compadecida, ela propria iniciou um espontaneo desafogo.

— Então não sabe? O João lá se foi, na expedição...

Qual João? Aquele mocetão rijo e satisfeito que eu vira dançar com ela na ultima festa do lugar? Era esse. Depois de uma temporada de caserna, o rapaz preparava-se para o casorio, quando veio uma ordem para ele voltar p'ra tropa e marchar para as colonias. Diziam que ia haver uma grande guerra...

E a Joaninha limpava os olhos, sufocada.

Procurei aquieta-la: o João havia de tornar, são e escorreito; e a ventura de ambos teria apenas sofrido uma ligeira interrupção, á laia de pesadelo que dura só uma noite e foge ao raiar da madrugada.

Não sei se a consolei. Eu é que fiquei com o suave passeio arruinado. Parecia-me ter cessado a brisa; e lá em cima as asas do moinho, mais vagarosas e tristes, lembravam antes um lenço no mole estrebuchar dum adeus pungente...

⁂

No começo deste outono, passei do novo pelo mesmo sitio.

A poucos metros da estrada, já atapetada de folhas secas, á porta dum casebre, estava sentada a Joaninha. Mas que mudança! Que era feito daquela linda e forte rapariga, em cujo coração dolorido eu tentara verter algumas gotas de balsamo, numa tarde refrescada pela aragem e suavemente embandeirada com as asas brancas do moinho em movimento? Era agora aquela pobre mulher palida e mal vestida, amamentando um pequenito enfermiço e enfezado.

Não a reconheci de pronto e foi ela quem saudou primeiro.

— Boas tardes...

— Ah! a Joaninha! Boas tardes... E então?...

Então... de novo vi as lagrimas tremerem-lhe nos olhos; e como se continuasse, sem interrupção, as confidencias daquela tarde anterior, a Joaninha narrou-me outro folhetim da sua existencia atribulada.

O seu João voltara, sim; mas voltara doente e queimado de febres periodicas. Depois, já não era o mesmo: não tinha forças nem vontade de trabalhar; bebia e jogava pelas tabernas; fizera-se quezilento e mau... Batia-lhe. E depois aquela consumição do pequeno, sempre adoentado, sempre adoentado...

— E então, pelo serviço feito lá pelas colonias, não deram ao seu homem uma recompensa qualquer?...

A Joaninha sorriu-se levemente:

— Ai! lá isso deram: uma medalha... Ainda se fosse de oiro...

O pequenito pôs-se a chorar; e eu despedi-me, confrangido, como depois das primeiras confidencias.

E, como então, a tarde velou-se de tristeza; e o moinho, lá em cima, sem velas, imovel, era como que o espectro da miseria e da morte.

Neno Vasco.

Lisboa, Outubro de 1914.

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Mesmo lutando com as tremendas dificuldades que actualmente tornaram ruinosas as condições da classe proletaria, prosseguem os trabalhos que um nucleo de camaradas está levando á cabo com o fim louvavel de dar vida activa á União Geral dos Trabalhadores, a agremiação recentemente fundada com o intuito de unir fortemente os trabalhadores de S. Paulo.

Além da reunião geral realizada no largo do Riachuelo, da qual já demos noticia, realizou U. G. dos T. dois comicios de propaganda e de protesto contra a prisão de Manuel Campos.

O primeiro foi realizado, conforme anunciámos, no Bom Retiro, no dia 24 do mez passado.

A sua concorrencia foi numerosa. Falaram os camaradas F. de Carvalho e José Romero.

Foi aprovada uma energica moção de protesto contra a violencia de que é vitima o companheiro M. Campos.

E com a adesão de um bom numero de sacios, encerrou-se a util reunião.

O segundo comicio, que se realizou no domingo passado, no Cambucy, não teve tanta concorrencia.

Falaram F. de Carvalho em portuguez, e um outro operario de quem não sabemos o nome, em italiano.

— Na sua séde provisoria, á rua do Riachuelo, 41, teve lugar na segunda-feira ultima uma assembleia geral, que tomou varias deliberações sobre os trabalhos a executar para o desenvolvimento da sociedade.

— Hoje á noite, na sua séde social, realizar-se-á uma nova assembleia, sendo convidados a assisti-la os trabalhadores em geral.

— A U. G. dos T. enviou uma carta aos jornais opondo um formal desmentido ás inverdades da policia sobre o caso M. Campos.

Em homenagem á imparcialidade que a caracteriza, a senhora imprensa de balcão nada disse sobre essa carta. Compreende-se...

O 13 DE OUTUBRO EM BELEM

Apesar das continuadas e miseraveis perseguições exercidas pelas czarescas autoridades de Belém do Pará contra o elemento avançado daquela cidade do Norte, os nossos companheiros não perdem ocasião para fazer propaganda dos ideais de redenção humana.

Em 13 de outubro, demonstrando que lá ainda ha homens conscientes que não se esquecem do grande crime de Montjuik, realizaram uma sessão de propaganda na séde da União Geral dos Trabalhadores, a ela acorrendo uma numerosa assistencia.

A sessão constou de uma palestra sobre a obra de Francisco Ferrer, feita por um admirador da Escola Moderna e de varios recitativos adequados á data que se comemorava.

No final da proveitosa reunião foi constituido o Centro de Estudos Sociais Francisco Ferrer, sendo nomeados respectivamente para seus secretario e bibliotecario os companheiros Aires Pimentel e Julio Doval.

REFUTANDO

Microcosmo! Ainda não consegui apagar da lembrança essas cronicas jesuiticas e arcaicas, escritas pelo eximio gramatico, porêm retrogrado sr. Carlos de Laet.

O *Paiz*, em seu numero de 9 de setembro, traz á baila uma dessas cronicas em que o seu autor nos fala do militarismo alemão, inglez e francez e o papel da religião no conflito europeu.

Depois de procurar justificar toda a monstruosidade do militarismo germanico, chega a dizer: — "Não é, pois, verdade que ao militarismo alemão se possa com exacção aplicar a pécha de haver impedido o desenvolvimento intelectual do povo".

Causa admiração o sr. C. de Laet querer justificar essa monstruosidade que Guilherme II está cometendo em pleno seculo XX.

E' que *s. s.* Pio X tinha em Francisco José um devotado amigo e, sendo a Alemanha aliada á catolicissima Austria, é preciso defende-la.

Que importam os preceitos divinos: "Não matarás", "Não ambicionarás as coisas alheias", quando é necessario abençoar os aguerridos exercitos que deverão anexar o povo servio ao catolicismo?

Que importa ao Vaticano o sacrificio de milhões de proletarios, quando é preciso vencer a infiel França para gloria da Santa Igreja Catolica e que tanta inquietação causou a Pio X?

Eis a razão porque o nosso polemista tanto tem procurado defender o militarismo alemão.

A' nós, homens livres, não nos compete defender este ou aquele tirano.

Vemos que a causa deste conflito hediondo, que assola o velho mundo, foi unicamente esses exercitos que para vergonha do seculo XX se ostentam sob o pretexto de "Paz armada."

E o provocador?

O provocador foi unicamente o espirito catolico de Francisco José querendo oprimir miseravelmente o povo servio. Daí a aliança com a Alemanha e a conflagração...

Se a religião catolica não instigasse tanto Francisco José para uma vingança ao povo servio, unicamente por esse povo professar a religião ortodoxa, a conflagração europeia ficaria reservada para outra ocasião. A não ser esse pretexto surgiria outro. A ambição desenfreada dos industriais, o aumento progressivo dos exercitos dos paizes em questão não comportavam por mais tempo esse furor patriotico, que aniquila a Europa e repercute por todo o universo.

Mas voltemos ao "Microcosmo" do nosso antagonista.

Adiante, comparando a liberdade eleitoral da Alemanha com a do Brazil, diz: "Ao passo que na Republica Brazileira nunca logrou ser eleito um só monarquista, nas camaras prussianas ha valentes defensores de ideias que, se viessem a triunfar, mudariam de todo não só a fórma do governo, mas o proprio arcabouço o trama, o substratum social." O sr. C. de L., se escreve isto em defesa da liberdade eleitoral no Brazil (o que não acreditamos), faz unicamente para ter o prazer de ver governando um monarquista dedicado ao clero. Porque não diz: "Na Republica Brazileira nunca logrou ser eleito um homem de ideias liberais"?

Diz ainda o antagonista que o militarismo alemão não tem concorrido para o depauperamento da seiva intelectual do povo. E' uma verdadeira blague. O militarismo com os seus horrores só tem concorrido para disconfianças entre as nações, perturbando a serenidade dos espiritos altivos. Numa atmosfera de guerra, pode a intelectualidade desenvolver-se livremente?

Depois de muito escrever sobre o militarismo e as suas dependencias, diz: — "Unicamente a religião, a sublime religião do Cristo, poderia irmanar os povos e agremia-los como filhos, que são dos mesmos pais e herdeiros do sacrificio dos meritos do Divino Martir. Mas a religião é hostilizada pelos governos sectarios do filosofismo estreito e miope que proscreve a indagação das causas primeiras e dos ultimos fins."

A Religião Catolica irmanar os povos? Grande farçada! Dizer isto é querer negar o seu passado infame, naquelas épocas em que o clero comandava as multidões para guerras sangrentas em recompensa da entrada no paraizo.

Não queira o catolico sr. Carlos de Laet ofuscar o passado da humanidade com o véu hipocrita da Igreja. Procure investigar nas paginas sangrentas da historia da humanidade qual a causa da degenerescencia entre os diversos povos; procure saber com as luzes da Razão o que foi o clero nos seculos passados e encontrará que foi um verdugo do genero humano.

A paz e a solidariedade que diz só serem conquistadas pelo cristianismo — nós temos a certeza de que elas só serão conquistadas com a união de todos os povos, quando estes se dispuzerem a derrubar esses dois poderes que os vêm dividindo-os e amesquinhando-os — religião, personificada no clero; o Estado, personificado nos governantes.

Mais adiante diz o sr. Laet: — "O pretendido militarismo alemão pelo menos não guerreia os crentes da sua confissão. Professa altamente o santo nome de Deus. Pratica e ensina o principio de autoridade."

Sim, o militarismo alemão, como de outras nações, "não guerreia os crentes da sua confissão", sabeis porque? Porque tem necessidade de manter os exercitos nessas crenças que os mandam obedecer cegamente, sem raciocinarem; mandam-nos para as fronteiras degladiarem-se, como antigamente mandavam-nos para as santas cruzadas dizendo que iam defender o dominio de Deus.

"Professa altamente o santo nome de Deus". Esse Deus tem sido a causa de muitos embustes; esse Deus, que, pela boca de seu representante — o papa — santificou todas as usurpações de que teem sido vitimas os povos; esse Deus que abençoou os punhais sangrentos dos tiranos, quando era preciso para manter o seu poderio; esse Deus que sancionou forcas e fogueiras para os homens livres e para os genios; esse Deus, no dizer do proprio sr. Carlos de Laet, confraterniza-se com os exercitos dos despotas, os quais marcham para a guerra que tem por fim: o aumento da prostituição, a orfandade, a fome e a negra miseria!!...

Maceió, 24 — 10 — 914.

Arsenio Lanuza.

Anti-clericais!
Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Onde está Idalina?

Cantiga á viola

Morre a tarde, o orvalho, a planta,
Morre a flor mais opalina;
Só não morre esta lembrança,
Que nos resta de Idalina!

Descora a dor, a saudade,
E um amor que nos domina...
Mas não descora este drama
Que vitimou Idalina!

Se a aragem passa gemendo,
Com a sua harpa em surdina,
E' por não poder beijar,
Jámais, a pobre Idalina!

E você, santo Consoni,
Nem siquer diz patavina?
Diante do brado justo
Que erguemos contra a batina?...

E o seu covil de oração,
Antro de carnificina,
Aonde foi consumida:
A infeliz Idalina?!...

Revolveu-se a terra toda,
Desde a mais erma colina,
E não se achou nem vestigios,
Da inocente menina!

Que mal tu fizeste ao mundo,
Ainda tão pequenina...
Para seres massacrada,
O' inditosa Idalina!

Meninas, lá vem um padre,
Tal como ave de rapina,
Trazendo um laço escondido,
De baixo da batina!...

Fugi do monstro, crianças,
Fugi da corja felina,
Ele tem unhas de gato;
Ele te arranha menina...

Fugi da hiena, repito,
Como da hidra assassina!
Que se não tereis a sorte
Identica á de Idalina!

Sou do livre pensamento,
Falo com voz levantina,
Eia, abaixo a tirania,
Dos leopardos de batina!

Manuel José Nascimento.

FESTA DE PROPAGANDA DEDICADA Á ESCOLA MODERNA DE S. PAULO

Será realizada no dia 9 de janeiro de 1915, ás 8 e 1/2 da noite, no Salão Italia Fausta, á rua Florencio de Abreu, 45.

PROGRAMA:

I — *O Mestre*, drama em 1 acto de R. Rousselle, em portuguez.

II — *¡Hambre!*, peça em 1 acto de Romulo Ovide, em espanhol.

III — *Conferencia*, em portuguez.

IV — *O Desmoronamento*, peça social em 1 acto, em portuguez.

V — *Quermesse e baile.*

Manuel Campos

Uma nota mentirosa da policia

A agitação em favor de Manuel Campos já teve o seu primeiro resultado: obrigou a policia a se pronunciar sobre o caso. E já não se conseguia pouco, pois assim viu o publico quão desavergonhada é essa gente que, com um sinismo imenso, dizem ser a zeladora do socego publico.

Sentiu-se a policia incomodada com o movimento de protesto contra a sua violencia — e veiu a publicar com a intenção de fazer a sua defesa.

Mandou uma nota aos jornais, em alguns, dos mais achegados á sua teta, publicado como se fosse da redacção.

Nessa nota a policia mente com um descaramento inaudito.

E' de pasmar! E' uma auto-acusação. Quando foi requerido um habeas-corpus a favor de Campos, a policia respondeu ao juiz negando a sua prisão. Pois é essa mesma policia que, fazendo a sua "auto-defesa", vem dizer que Manuel Campos esteve preso durante mais de tres meses! E a constituição do paiz garante que ninguem pode estar preso sem culpa formada por mais de 48 horas!

Mas a policia diz que o nosso companheiro já tinha contra si um decreto de expulsão desde 1913.

Mentira, porque esse decreto exigiria um processo e Campos não foi processado.

Diz a policia que, em virtude desse decreto de expulsão, Manuel Campos esteve oculto até pouco antes de sua prisão.

Mentira e mentira despudorada. Manuel Campos nunca saiu de Santos. Lá esteve sempre ás claras, trabalhando para viver honradamente. A policia não provará o contrario. Desafiamo-la.

Fala a policia, com uma desfaçatez sem nome, em graves desordens na época da prisão de Campos. Mas onde? Quando? Em que lugar? Isso não diz ela. E não o poderia provar porque é mentira.

E sabem a razão por que afirma a policia ter prendido Manuel Campos? Por ter ele promovido comicios contra a guerra e contra a carestia da vida!

Crime hediondo! E ha aí, numa coisa a que chamam estatuto maximo do paiz, considerado o mais liberal do mundo, um artigo sob o numero 72 que afirma garantir ao cidadão o direito de manifestação publica...

Tartufos de... tancaria!

Ha ainda a acusação tremenda de que M. Campos foi encontrado armado de revolver.

E não se admiram os leitores?

Mas essa canalha não terá mesmo uma gramazinha de pudor? Que se faz, segundo a lei, a quem é encontrado com armas proibida? Multa-se, processa-se. Assim ordena o codigo.

Entretanto, para a policia de S. Paulo esse é um crime que exige a expulsão!

Depois, será mesmo verdade que Manuel Campos estava armado? Lembremo-nos que a policia, no caso Idalina, para conseguir a nossa condenação apresentou um revolver, que dizia ser nosso, com umas balas que só poderiam servir para o 42 dos germanicos...

Pela afirmação da policia, Manuel Campos já foi expulso. E não o podia ser. Manuel Campos, ao que sabemos, se não é brasileiro nato, reside em Santos desde a idade de um ano e pouco.

Mas ha duvida sobre a expulsão. Desconfia-se no Rio que Manuel Campos esteja na Colonia Correcional.

E sabe toda a gente o que é estar nessa colonia. E' viver no inferno de Dante.

Proseguir na agitação é, pois, o nosso dever.

Secção amena

Segundo refere o Freidenker, *de Milwankee (Estados Unidos), numa povoação do Estado de Nebraska, ainda sem jornais, ha o costume de afixar as noticias á porta da igreja. Um dia puseram o seguinte:*

«O irmão Nelson partiu para o céu ás 4 horas e 30 da tarde.»

No dia imediato, por baixo do aviso acima reproduzido, lia-se isto:

«Paraiso, 9 horas e 40 da manhã. — Grande inquietação: Nelson ainda não chegou.»

Segundo a fabula, Hercules realizou doze grandes trabalhos ou façanhas. Conta se que Diagoras, faltando-lhe um dia lenha para o fogo, atirou para as chamas a imagem de pau daquele nome, exclamando:

— Meu Hercules, faze-me ferver a panela: será este o teu ultimo trabalho!

Os santos catolicos poderiam obrar pelo menos esse milagre...

"A VIDA"

Já foi posta em circulação a revista cujo aparecimento anunciámos em nosso numero anterior.

Deixamos de dizer aqui qual é o seu programa, ao que *A Vida* se propõe. Na circular que em outra parte publicamos está isso suficientemente exposto.

Queremos apenas acusar o recebimento do seu primeiro numero — que está mesmo bom, com bem cuidada feitura material, tendo na capa uma expressiva gravura e trazendo nas suas preciosas 16 paginas colaboração escolhida e suculenta.

E' uma publicação que merece o mais decidido apoio dos militantes da propaganda avançada do Brasil e que todos os estudiosos devem ler.

Congresso Anarquista Internacional

(Vêr os dois numeros anteriores)

DESPESAS

Aluguel do cinema Braz Bijou	200$000
1.000 entradas para a festa do cinema	4$000
1 carreto para transportar 30 cadeira para uma das reuniões	2$000
144 selos para enviar as listas e cartas para fóra	14$400
16 postais para comunicar aos grupos as resoluções	$800
Cartas registradas ao Astrojildo, com relatorios	$800
Aluguel da caixa-postal n. 208 (um semestre)	14$000
Correspondencia diversa e envio de impressos para varias localidades do interior	4$100
Gastos feitos pelo Edgard com correspondencia	5$400
***	
Boletins para uma conferencia realizada em França por J. Crespim	8$000
Um manifesto pró-vitimas politicas da reacção italiana	8$000
Ao Centro Libertario de S. Paulo	11$500
A' *La Propaganda Libertaria*, em duas vezes	71$000
Ao Comité Proletario de Defesa Popular	19$000
Total das despesas	363$000

RESUMO

Entradas	505$600
Despesas	363$000
Saldo	142$600

Deste saldo foram emprestadas ao Centro Libertario as importancias seguintes, que deverão ser restituidas com o produto da festa de 31 do corrente:

Para o sinal do Salão Celso Garcia	80$000
Para a impressão dos bilhetes	15$000
Para o aluguel da séde do Centro Libertario	40$000
	135$000
Saldo	142$600
Emprestimos	135$000
Em poder do C. L.	7$600

Na reunião dos anarquistas de S. Paulo realizada na quinta-feira, 26 do mez passado, na séde do C. L., a comissão, apresentando este balancete, expôz que, diante das necessidades da propaganda neste momento de grandes dificuldades, foi obrigada a conceder as quantias indicadas nas despesas e que veem abaixo dos asteriscos. Concordou-se unanimemente com esse acto da comissão.

Foi tambem deliberado confiar á administração de *A Vida* o recebimento de todas as listas ainda não devolvidas, ficando em favor dessa revista anarquista as importancia que forem arrecadadas.

Com a importancia a receber do produto da festa do dia 30, ficou resolvido publicar um avulso de propaganda, com uma sintese do ideal anarquista e uma gravura adequada.

Todas as listas e demais papeis estão em poder do Centro Libertario, cuja séde está na rua Riachuelo, 41.

A lista n. 130, de Domingos Bertualo, de Sertãozinho, foi devolvida acusando a quantia de 10$, que foram *papados* no Correio por ter vindo a carta registrada sem valor.

O camarada Cecilio Vilar, de Porto Alegre, comunicou ter remetido a sua lista, sob o n. 38, com a quantia de 16$; o Correio, porêm, até agora não fez dela entrega.

Foram devolvidas em branco as seguintes listas: 17, R. Lopes; 22, V. Amadio; 24, C. Valverde; 25, M. B. Oriach; 31, George V. Filho; 36, A. Stocco; 41, E. Guerra; 52, Amantino de O. Santos; 80, S. Pelegrini; 82, M. Stefanelli; 134, J. B. Weffort; 141 e 142 F. Signorelli; 143, J. Telles; 26, R. Santos; 47, A. Campagnoli.

Não foram ainda devolvidas ás seguintes: 3, de P. Tonelli; 4 F. Gattai; 5, R. Esteves; 12, V. Fidalgo; 13, S. Serrato; 14, S. Caruso; 16, Emilio Diaci; 18, J. Limona; 19, M. Sorcinelli; 21, S. Caruso; 23, M. Caminha; 27, G. de Medeiros; 29, A. Rossi; 32, A. S. Barboza; 33, J. P. da Cunha; 34, A. V. Luiz; 35, G. Lagos; 37, M. Ferret; 39, O. Sant'Ana; 42, V. Moura; 43, P. Grassini; 44, B. Limonge; 46, A. Foscolo; 50, J. G. Torres; 51, G. Rangel; 53, J. C. Mello; 54, R. Perlurgeri; 56, M. G. da Silva; 57, P. Colli; 58, A. Bertolini; 59, V. Farioli; 62, J. Jubert; 63, S. Blois; 65, M. Sans; 66, E. Pellicciari; 68, P. Marcicani; 69, D. Andreghetti; 70, J. Palumbo; 72, A. Vizzoto; 74, A. Bolognesi; 75, A. Pagano; 76, Scaletti; 77, Torchi; 78, A. Agotani; 79, L. Romani; 81, R. Orazzi; 83, F. Marino; 84, P. Melchiori; 85, L. Graille; 86, G. Viana; 87, F. Resta; 89, B. Scarmagnam; 90, O. Chini; 91, R. Poletti; 92, U. Ferrari; 95, G. Guerini; 97, D. Tedesco; 98, G. Mantovani; 99, F. Brecciani; 100, D. Fioravanti; 101 F. Nobille; 102, L. Crespi; 104, F. B.; 105, A. Bossi; 106, F. Perlatti; 113, C. Dias; 114, T. Miranda; 116, F. Borghi, 117, M. Fernandes; 119, L. Jacobini; 120, V. Palazzo; 122, S. Derio; 124, L. Sansoni; 125, N. Girardi; 126, J. Peres; 127, L. Lidas; 129, M. Villega; 131, F. Vivas; 132, F. Balleri-ni; 134, M. Rossi; 137 J. Passero; 138, J. Ramos; 140, V. Calvo.

Os camaradas que subscreveram alguma quantia e não a vejam publicada, devem imediatamente dar comunicação para o endereço do Centro Libertario, Caixa Postal, 1336, S. Paulo, indicando a lista onde o fizeram e o nome do seu portador.

As listas que ainda estão fóra devem ser imediatamente devolvidas, com as quantias que contiverem ou mesmo em branco, para o camarada Nilo Ferreira, administrador de *A Vida*, á rua Uruguayana, 114, (sob.), Rio de Janeiro.

NUCLEOS DA VANGUARDA

Centro Libertario de S. Paulo — Na reunião por este Centro realizada no dia 26 do mez passado, discutiu-se sobre os meios mais praticos para conseguir atrair os elementos retraidos e dar maior desenvolvimento á propaganda, resolvendo-se que se promovam periodicamente palestras sobre as questões de actualidade encaradas sob o prisma libertario, nas quais um camarada exporá segundo o seu criterio um tema qualquer, sendo depois facultada a palavra a todos os que tenham objeções a fazer.

Nessa reunião foram tambem nomeados alguns dos membros da comissão do Centro e tomadas varias deliberações tendentes a favorecer o bom exito da festa que vai ser realizada no dia 31 do corrente.

FESTA LIBERTARIA NA LAPA

Promovida pelo Grupo Anarquista Os Sem Patria, da Lapa, realizar-se-á no dia 12 do proximo mez de dezembro uma festa de propaganda libertaria no salão do Cinema Teatre

A velada, que terá começo ás 20 e meia horas, constará do programa seguinte:

1.º — *Senza Patria*, drama em 1 acto de Pietro Gori;

2.º — Conferencia de propaganda;

3.º — *O Viandante e o Heroi*, peça em 1 acto, de Felice Vezzani;

4.º — Baile familiar e quermesse.

Em S. Pedro de Alcantara (Santa Catarina)

De como se prova que a obra da padraria é fautora de corrupção

Realizou-se a 19 do corrente e com todo o aparato com que a Igreja Romana costuma valorizar os seus inuteis fantoches, a tradicional festa de S. Pedro de Alcantara, que tem seu nome ligado á freguesia do padre Roberto, a figura de maior destaque das minhas cronicas.

A afluencia de fieis e *infieis* áquela santa terra dos casos virgens, foi das que costumam concorrer nos anos anteriores.

O principal objectivo dessa sagrada romaria consiste quasi exclusivamente no interesse pecuniario.

Só o pessoal mais fanatico, e por conseguinte o mais atrasado, aglomera-se em respeitosa curvatura no interior do velho e carunchoso casarão e nessa critica posição aí permanece horas e hora traçando constantemente sobre sua cara patibular alguns sinais em forma de cruz, que são acompanhados de fortes e repetidos murros sobre o peito para melhor desembuchar as desconexas palavras de *engrossamento* que vai dirigido ao pequeno tantoche.

A outra parte, os devotos que formam a vanguarda do santo cortejo, dirigem-se ás casas de tavolagem e agarram-se mui religiosamente á ovelha da sota, disputando como verdadeiros leões e durante os dois dias da festança as abençoadas pelegas que estão empacotadas sobre a banca.

E ainda uma parte dessa catolica gente, depois de espargir, como os demais fieis, a virtuosa agua-benta sobre a cara, embebeda-se e vai dormir ao relento, a beira das estradas, terminando, muitas vezes, a sua ressaca na policia.

Só o bom do vigario, com o bolso recheiado das santissimas pelegas que recebe em troca do extenuante trabalho das bruxarias que pratica durante o dia, recolhe-se ao seu abençoado aposento, onde a sua incansavel caseira espera-o com uma respeitavel mesa repleta de boas iguarias.

Entulhado o sagrado pandulho, toma o seu indispensavel banho e atira-se de papo para o ar num repouso bemdito!

***

Porêm, este ano, depois que a *Lanterna* entrou naquela bem-aventurada terra, a coisa mudou de figura.

Um grupo de destemidos rapazes, num gesto de altivez, quiz romper o circulo de ferro em que o frade Roberto os colocara. Dirigindo-se então á casa de Leopoldo Kretzer, que fica muito proxima á do padre manda-chuva, aí tentaram fazer um baile.

Mas Leopoldo, a quem o padre prometera entregar a sua alminha ao diabo caso não retirasse, em vinte e quatro horas (24!), um quadro que ha tempos colocara na porta da sua casa de negocio e no qual estava estampada uma linda cara de mulher, que muitas vezes fizera o padre *pecar por pensamento* quando por ali transitava, resolveu não consentir o baile sob pena da agravação do seu pecado.

Então tomaram os ditos rapazes a resolução de comprar 100 duzias de foguetes, que fizeram queimar até ao amanhecer, indo muitos deles espoucar nas venesianas do celeste aposento do padre Roberto.

E assim terminou a festança de 1914.

S. José, 30 — 10 — 914.

C. de Lippe.

O clero em Minas

(Ao sr. A. Cendon)

Contestado sobre diversos pontos expostos no artigo de minha lavra que entitula a presente nota, pelo sr. A Cendon, sinto-me na necessidade de esclarece-los afim de evitar as más interpretações.

E incontestavel que todo padre, sem distincção de nacionalidade, é um ente pernicioso para a sociedade. Tambem não é menos incontestavel que o clero nacional, por mais nojento que seja, guarda sempre um certo receio na pratica de seus actos, pois é ele em geral muito relacionado e possue um parentesco no Brasil perante o qual ficaria irremediavelmente perdido se não puzesse um freio nas suas intemperanças; enquanto que o padre estrangeiro não possue no paiz para o qual emigrou relações de especie alguma. Ninguem conhece o seu verdadeiro nome, o seu passado, etc. O seu fim é explorar e roubar o mais possivel e no menor espaço de tempo para depois fruir o resultado de seu *trabalho* no paiz de sua origem onde a sua *honra* nada perde. E' ele um aventureiro faminto que não recua perante crime algum.

O objectivo de ambos é o mesmo: destruir; acho, contudo, que o clero estrangeiro alcança o fim comum em mais curto espaço de tempo, pelas razões já expostas.

Quanto á parte em que dizeis que tratei de inconscientes operarios que procuram emancipar os companheiros..., só tenho a dizer que foi mal interpretada. Não chamei absolutamente aos operarios de inconscientes; são eles, pelo contrario, que mais terror causam ao clero, que procura grangear as suas simpatias por meio dos engodos expostos no congresso catolico.

De inconscientes chamo aos jesuitas de casaca que não cessam de açular o clero por meio de artigos, conferencias religiosas, etc. A estes pertence o por vós citado defensor da reintroducção do ensino religioso nas escolas, cuja defesa publicada no *Estado de Minas* foi pouco depois impressa em um volume que teve larga divulgação.

Além do que fica exposto, só houve protesto contra o engazupamento da classe operaria pelo clero, depois de publicado o meu artigo. Sem duvida dele tivestes conhecimento depois do protesto do operariado contra as deliberações do congresso catolico.

Não obstante não ser refractario ás vossas ideias, não posso aceder ao convite para fazer parte do centro anticlerical, pois, além de não ser adepto de todas elas, o que julgo indispensavel, retirar-me-ei em breve desta capital.

Ficam, pois, julgo, satisfeitas as explicações pedidas.

Belo Horizonte, outubro de 914.

Urucá.

FOLHETIM DA LANTERNA (44)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XIX

Carlos Quinto

tendo enviado o filho para Flandres, a servir o rei, dirigira em pessoa a educação de Maria. Educação digna duma princesa de Italia ou de Navarra. Algumas festas ou torneios, abundantes peregrinações eram, porêm, tudo quanto a jovem vira do mundo brilhante em que estava destinada a viver um dia.

Ela entretanto ia avançando, modesta mas não perturbada, ante esse soberano que, moço como ela, reunia sobre a fronte as coroas reais de Castela e de Aragão com a coroa imperial da Alemanha. Em volta dela, tinham-se enfileirado os fidalgos, formando duas sebes, e todos, Fonsecas, Fadriques, Bobadilhas, só a ela pareciam ver.

— Não parece uma princesa de sangue? murmurou uma voz.

As palavras, equivocas, podiam ser um cumprimento ou uma critica, mas a voz era feminina, logo, o pensamento era malevolo. Aquela que lançara o dardo, com efeito, não era outra senão a princesa de Terramonte, sobrinha do nuncio apostolico, uma das raras damas que, não sendo casadas, apareciam na côrte de Carlos V. Jovem, formosa, intrigante e, para mais, livre nos seus actos, pois seu pai morrera e sua mãe vivia na Italia, a princesa, graças decerto ao seu parentesco, gozava na côrte duma real influencia. E obsidiava-lhe o espirito ambicioso um sonho: como aumentar essa influencia, estende-la ao soberano?

Carlos, entretanto, sem se levantar do trono, respondera com um aceno da cabeça ás três respeitosas reverencias do marquez de Mondejar, que se adiantava a passos contados.

— Temos gosto em vos ver, senhor Pacheco, disse ele.

E dirigindo o olhar para Maria, que ficara um pouco atrás, á espera da sua apresentação, acrescentou:

— Aquela formosa senhora é decerto vossa filha. Aproximai-vos, senhora, e dizei-nos como foi que salteadores ousaram atacar-vos.

Maria inclinou-se, menos para obedecer á etiqueta do que para ocultar o seu rubor. Contar diante daquela turba de desconhecidos, cujos olhares ela sentia sobre si, as peripecias do perigo mais que mortal de que fôra salva por Padilla, era escabroso. Sentia que o assunto se prendia a outro muito mais intimo e cuja recordação ela queria guardar só para si. Como desobedecer, porêm, ao rei?

— Senhor, disse ela, mal saberei eu narrar semelhante coisa, pois a angustia que naquele terrivel instante senti impediu-me de formar uma ideia exacta do que em redor de mim se passou.

A sua voz, um pouco alterada a principio, tornara-se insensivelmente mais segura. Falava com essa pureza castelhana, cheia de sonoridade musical; Carlos, agora, fixava-a com um olhar intenso. Ela calou-se, perturbada com aquele olhar e a si mesma perguntando qual podia ser o pensamento do rei.

Todos os nobres estavam atentos, silenciosos, procurando ler na face do amo: a princesa de Terramonte, palida como uma defunta, tinha pregados em Maria olhos brilhantes e agudos como duas pontas de espada.

— Continuai, senhora, disse o rei.

Maria, dominando a sua perturbação, prosseguia na sua narrativa, esforçando-se por abrevia-la. Disse a fuga desvairada da liteira, a agressão subita dum desconhecido mascarado, que a empolgara e arrebatara, a chegada repentina do senhor D. João de Padilla, que a livrara e pusera em fuga o misterioso raptor.

— Por Nossa Senhora! disse Carlos V; não vos parece, senhores, que acabamos de ouvir da boca de uma decima musa, a narração dalguma epopeia de Amadis e de Galaor? Esse senhor Padilla é um valente cavaleiro e merece uma recompensa.

— Senhor, disse o marquez de Mondejar, tenho a honra de anunciar a Vossa Majestade que o senhor Padilla será em breve meu genro, e ouso esperar que V. M. o considerará do seu agrado.

Com três anos de reinado, Carlos V já tivera tempo de aprender a dissimular as suas impressões e pensamentos. Por isso, só duas pessoas, duas mulheres, é que lhe notaram um leve tremor de labios, enquanto uma palidez fugitiva se estendia sobre as suas faces. A primeira dessas pessoas era Maria Pacheco; a segunda, a princesa de Terramonte.

Maria adivinhava agora o pensamento do rei: amor fulminante ou capricho, ele queria-a. Aquele filho duma mulher apaixonada e louca herdara talvez desta os ardores ferozes, ainda mais terriveis porque os continha uma mascara de frieza solene. Ela sentiu se aterrada.

Com a sua penetrante intuição, a princesa de Terramonte reconhecera tambem o estado de alma de Carlos. Aquilo fazia-a vibrar de indignação. Como! á filha do marquez de Mondejar bastara aparecer para instantaneamente conquistar o soberano, aquele principe de dezanove anos cuja força de vontade e frieza aparente se impunham a todos, a ela propria, desconcertando o seu espirito de intriga! Aquilo cheirava a prodigio. Ela sentia odio por Maria e, em seu odio mesclado de superstição, a si mesma murmurava: "E' uma feiticeira, uma bruxa!"

Quando o marquez de Mondejar anunciara o proximo casamento da filha, tinha a princesa por um instante sentido um alivio. Mas foi aquilo um relampago apenas: a alteração fisionomica do rei, perceptivel para o seu olhar exercitado, mostrara-lhe imediatamente que o anuncio de tal casamento exasperava Carlos V e, longe de o extinguir, havia de lhe avivar o desejo.

(Continúa).

"A VIDA"

Publicação mensal anarquista

Séde provisoria:
Rua Uruguayana, 114 — (sob.)
RIO DE JANEIRO

Camaradas:

Existindo em poder do Grupo Editor «Novos Horizontes» e do Comité pró-Congresso Internacional Anarquista determinadas quantias, e tendo em vista que aquele grupo não poude levar á pratica a sua iniciativa pela insuficiencia do dinheiro recolhido, e que o Congresso Anarquista não se realizou por motivo da conflagração europeia, — o Grupo «Novos Horizontes», reputando um crime de lesa-propaganda conservar esse dinheiro por mais tempo paralizado, convidou os contribuintes de uma e outra subscrição a uma reunião na qual propoz que esse dinheiro fosse aplicado numa obra de propaganda anarquista.

Concordes os presentes em que com esse dinheiro fosse iniciada a publicação de um periodico libertario, ficou o Grupo N. H. incumbido de fazer aparecer essa publicação decidindo por si o melhor modo de o fazer.

E', pois, o que entre os membros desse grupo ficou acordado que nesta circular é exposto a todos os companheiros anarquistas do Brazil.

Tendo em consideração o dinheiro existente, as necessidades mais imediatas e urgentes da propaganda e as condições do nosso meio, acordou o grupo lançar á publicidade uma revista mensal, por intermedio da qual os anarquistas do Brazil se conheçam e se correspondam. Ela será como que o élo ou traço de união entre todos nós.

Por ela, os camaradas espalhados por toda esta enorme região terão conhecimento de todos os actos de propaganda que se realizem em qualquer ponto do paiz, das iniciativas que surgirem, dos novos elementos que chegam a engrossar a nossa falange revolucionaria, terão, enfim, conhecimento de toda a nossa vida anarquista.

Analizando e comentando, em resenha, os factos capitais da vida social e politica brazileira, inserindo uma desenvolvida cronica do movimento social internacional, apreciando e resumindo as obras de sociologia que se forem publicando, em lingua portugueza, inserindo colaboração dos mais cultos propagandistas do anarquismo no Brazil, permitindo controversias, e promovendo inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da região brazileira, a nova revista constituirá, além de uma preciosa fonte de informações e documentos, um não menos apreciavel meio de educação anarquista.

Além disso, anunciando sempre livros, folhetos e jornais de propaganda libertaria e satisfazendo todos os pedidos com prontidão; possuindo sempre á venda os ultimos trabalhos editados na Europa, mantendo uma larga permuta com os jornais e revistas de todo o mundo, respondendo a todas as consultas ou esclarecimentos solicitados pelos seus leitores, — a nova revista será por assim dizer um *bureau* de informações e um centro de difusão da nossa literatura, ou seja, das nossas ideias.

Não espera o grupo editor uma grande tiragem para a nova revista nem sonha com uma larga leitura entre o que se usa chamar o «grande publico». Nada disso. O seu desejo reduz-se a que ela circule pouco mais além do circulo, mais vasto do que se julga, da nossa familia anarquista e dos que simpatizam ou se interessam pelas nossas doutrinas, e a que, atravez de todas as eventualidades, ela possa, infalivelmente, visitar uma vez por mez todos os camaradas desta região quaisquer que sejam os confins em que se encontrem isolados, — embora no seu caminho e a seu lado outros e muitos e variados periodicos anarquistas surjam, susceptiveis de vida efemera mas que nem por isso deixam de ser muito uteis á nossa Ideia.

Tendo, pois, como principal preocupação assegurar uma vida longa e facil á nova revista o grupo editor resolveu estipular-lhe o preço de 200 réis avulso e de 5$000 réis por assinatura anual. Nestas condições de preço, o grupo confia em que o seu desejo se cumprirá desde que todos os camaradas a adquiram e se esforcem por conseguir, entre os seus amigos e conhecidos, um assinante ou um leitor mais. Como vêdes, é bem pouco o que se pede para uma obra de indiscutiveis e proveitosos resultados para a propaganda anarquista no Brazil.

A nova revista, que conterá 16 paginas, de bem cuidada apresentação material, intitular-se-á *A Vida* e o seu primeiro numero será posto á venda no ultimo dia do mez de Novembro corrente.

Assim exposto, de um modo geral, o nosso plano, resta-nos convidar todos aqueles que contribuiram para as subscrições abertas pró «Novos Horizontes» e pró Congresso Internacional Anarquista e que, descordando com o destino que ao producto dessas subscrições vai ser dado, desejem rehaver as quantias com que concorreram, participa-lo, pessoalmente ou por escrito, ao Grupo Editor de *A Vida*.

***

A séde de *A Vida* é á rua Uruguayana, 114 (sobrado), Rio de Janeiro, devendo a correspondencia da redacção ser enviada a Francisco Viotti e a da administração a Nilo Ferreira.

Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1914.

O Grupo Editor de "A Vida".

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a . . . 1$000
Retratos de José Nakens, cada um a . . . 1$500
Uma duzia de postais anticlericais . . . 1$200

EM PORTUGUEZ

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros . . . 1$200
Cantos Sociais (diversos autores) . . . $200
Almanaque de "A Aurora", para 1913 . . . 1$000
Almanaque de "O Livro Pensador" . . . $800
Marco A. Panc-te, "Giordano Bruno» . . . $200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco» . . . $200
Domingos Zapata, «As 67 celebresperguntas» . . . $200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade" . . . $500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico) . . . $100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato» . . . $200
Natanael Pereira, "A educação religiosa» . . . $200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição» . . . $200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus» . . . $200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato» . . . 1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista» . . . 1$500
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres» . . . $200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu» . . . $200
José Rizal, «Noli me taugere» . . . $600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista» . . . 1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario" . . . $100
» » «Entre camponeses» . . . $200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa» . . . 2$500
» » «Giórgicas» (ao trabalhador rural) . . . $100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos) . . . 1$000
Mezza Botta, «O Papa Negro» . . . 2$000
Carlos Dias, "Semeando para colher" . . . $200
Guerra Junqueiro, "A velhice do Padre Eterno" . . . 2$000
Pedro Kropótkine, "O comunisco anarquico" . . . $200
Chacon Siciliani, "Mentiras Divinas" (cartas aos crentes) . . . 1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag. . . . $700
» » "O Teatro na Escola" . . . $400

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento" . . . $300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo) . . . $300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia" . . . $300
Ramon Chies, "A una madre" . . . $300
Potvin, "La democracia y la Iglesia" . . . $300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza" . . . $300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos" . . . $300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs" . . . $100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére" . . . $100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat" . . . $200
E. Malatesta, "Entre paysans" . . . $300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti" . . . 1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imgrazione Italiana" . . . $300
Antonio Labriola, "Del Socialismo" . . . $400
Gaetano Zibordi, "La historia de Federico" . . . $400
Um laico, "La politica eclesiastica in Italia" . . . $300
Giovanni de Nava, "Delinquenza e misticiomo" . . . $200
P. Guarino, "Sole a scacchi" . . . $400
Luigi Campolonghi, "Azione sindacale" . . . $300
G. Stiavelli, "Il Primo Maggio nella letteratura" . . . $400
G. D'Amato, "Ai ragazzi felice" . . . $200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo" . . . $200
Francesco Pucci, "Il dovere de organizzarci" . . . $200
F. Nicolini, "Il pane gratuito" . . . $200
Maximo Gorki, "Interviste" . . . $600
» » "Il compagno" . . . $200
Eliseu Reclus, "I podrotti dell'industria" . . . $200
» » "I prodotti della terra" . . . $200
Leda Rafanelli, "Alle madre italiane" . . . $200
Paul Lafarga, "Il diritto all'ozie" . . . $200
Dott. G. C. C., "Guerra all'alcool" . . . $200
G. Pozzi, "Favole ed apologhi socialista" . . . $200
Oreste Ristori, "Polemiche sull'Anarchia" . . . $300
» » "Operai non bevete!" . . . $100
Pietro Kropótkine, "L'agricultura» . . . $200
E. De Amices, "Il socialismo e l'egualianza" . . . $100
» » "Consigli e moniti" . . . $100
E. Vondervelde, "Le cittá Piovre" . . . $300
Costa Andrea, "Un sogno" . . . $100
» » "Il socialismo" . . . $100
C. Monticelli, "Il primo giorno del socialismo" . . . $300
» » "Lo sciopero" . . . $100
E. Ciacchi, "Ai contadini" . . . $100
» » "Le nostre leghe" . . . $100
Dott. Biel, "Il socialismo per tutti" . . . $100
O. G. Viani, "Abbecedario dell'economia sociale" . . . $200
G. Renard, "Agli studente" . . . $100
Leopoldo de Fazio, "Canzone vegetale" . . . $300
A. Valente, "Conferenze socialiste" . . . $300
G. Paoloni, "Primo Maggio" . . . $100
B. Carlantonio, "Le istituzione e la morele" . . . $100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare" (discorsi) . . . $300
» » "Per la ricuzione delle spese militari" . . . $300
Resoconto del 1º Congresso dei lavoratori della terra . . . $200
Avv. Emilio Bossi, "Gesù Cristo non è mai esistito" . . . 2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909) . . . 1$000

CAROLISMO AGUDO

Cura-se com duchas semanais da "Lanterna"

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

LES TEMPS NOUVEAUX
4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista anarquista com suplemento literario.

Um ano . . . 8 francos
Meio ano . . . 4 »
3 mezes . . . 2 »

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão economica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livre do porte do Correio
500 exemplares .... 60$000
300 » » .... 41$000
100 » » .... 15$000
50 » » .... 7$000
Avulso 200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100 . . . 12$000
50 . . . 6$500
25 . . . 3$500
1 . . . $200

Na redacção:

100 . . . 10$500
50 . . . 5$500
25 . . . 3$000
1 . . . $200

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre-pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bagé — Amantino O. Santos
Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$700